

MEMORIAS

DA ASSOCIAÇÃO

CULTO À SCIENCIA.

NUM. 5. S. PAULO.—QUINTA-FEIRA 10 DE NOVEMBRO. 1859.

DISCURSO QUE PROFERIU O SENHOR MANOEL PEREIRA DE SOUSA AROUCA, NA — CULTO À SCIENCIA, EM SESSÃO MAGNA, DE 11 DE AGOSTO DE 1858, ANNIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DA ACADEMIA, E D'ESTA ASSOCIAÇÃO.

SENHORES.

Já trinta annos hão passado depois que raiou no horisonte a luz do dia memoravel da fundação do magestoso Templo das sciencias n'esta capital; e dous que um punhado de jovens ambiciosos do saber fundarão a associação, que hoje tem a honra de receber-vos em seu seio.

E' hoje que ella, esgotando a taça da alegria embriagada pelas delicias d'ella, harmonisa no mundo intellectual cantos mais alegres ainda do que aquelles que sôem harmonisar no mundo physico os passaros matutinos, quando saudão o despontar da aurora, entoando alegres hymnos ao sol brilhante que magestoso expelle da face da terra o monstro da escuridão, e patentêa a natureza; cujos cantos embriagão ao trovador; cujos paineis sublimes afinão a lyra maviosa do vate.

E' hoje tambem que venho com ella pela vez primeira festejar o seu anniversario, e o do Templo scientifico, com phrazes e pensamentos despidos de arte ou poesia, com os quaes mal balbuciendo manifesto os fervorosos votos que lhe inauguro; para que denodada e impavida trilhe a espinhosa senda que vai ter ao campo de Minerva.

N'esse caminhar tem a — *Culto à Sciencia* — de encontrar aqui tropeços, ali pre-

cipicios, acolá trévas espessas: mas estas tem ella de expellir-as com a luz do pharol da razão; e aquelles tem ella de affrontar-as com a experiencia de seus guias, de seus praticos. Como affronta os encapellados mares, em noite procellosa, o navegante audaz, quando no meio das trévas lhe fulgura o astro amigo!

Mais adiante, no seu caminhar incessante, cabirá sobre ella a baba pestilente do zoilo, as iras inflammadas da inveja, o gêlo mortifero do egoismo; porém ella retardando ou compassando por um momento a sua marcha, mais intrépida caminhará animada por novas forças: qual a arvore que deixa cabir suas folhas, e murcha seus botões com os frios do inverno, e no verão cobrando novas forças brota com mais viço, veste-se de novas folhas e desabrocha seus botões que peção os ares de suave aroma.

Assim caminhará, até que um dia, cumprindo a sua alta missão, mil corôas de verdejante loiro hão de vir ornar-lhe a fronte, e será um honroso legado aos nossos vindouros. Senhores, não são estas minhas expressões palavras ôcas, vãs chiméras, ou méros phantasmas que desaparecem com a luz da realidade! São votos ardentes d'esta alma ambiciosa do saber, que tudo daria em troca d'elle!

Porém, senhores, como disse no principio, trinta annos hão passado, trinta annos de luta renhida, de embate de idéas no Campo de Minerva, tendo por testemunha o magestoso Templo, e por chefe os nossos dignissimos mestres encanecidos gloriosamente no commando!

Trinta annos de conquista, trinta annos de gloria, e trinta annos tem o mesmo Templo testemunhado o culto

santo, o fogo de ambição pelo saber de centenares de talentosos jovens, que pasmos ante a vastidão do Campo de Minerva, submissos vem curvar os joelhos em terra ante o altar do Templo; para ahí beberem seus sabios preceitos. Os quaes dimanando da fonte inexgotavel das sciencias, chegam até ao humilde que os supplica por meio dos illustrados ministros, nossos chefes no campo, e sacerdotes virtuosos no Templo, que até hoje avivando o fogo do thuribulo das sciencias tem perfumado o seu altar!

N'esse tempo, senhores, quantas vezes tem visto o mesmo Templo a frente do genio engrinaldar-se com as palmas inimitaveis, que crescem altivas a par da perenne, santa e sublime fonte das sciencias ?!

Quantas vezes tem elle visto extasiado na arena do combate tremular o glorioso pavilhão scientifico, onde em niveo campo, e caracteres bronzéos, se vê escripto — *Liberdade de Pensamento* ?? —

Pavilhão, senhores, comprado ou resgatado com os soluços, com os doídos suspiros da esposa que vê o esposo expirar entre pesados ferros, entre negros grilhões, victima do despotismo dos homens, de sua ignorancia enfim: vendo com ella os innocentes filhinhos perecerem na miseria sem um pão, sem uma sandalia, sem um manto se quer para agasalhar-os do frio que os opprime. E com estes a filha donzella cheia de esperanças, que tantas vezes veria em risinhos dourados sonhos a imagem d'aquelle que um dia a faria scismar, d'aquelle tambem que um dia junto d'ella ouvindo o virgineo palpitar do coração, e vendo o brando arfar do niveo cóllo se reclinaria louco de amor, correr desvairada com os cabellos desgrenhados para junto do cadaver do pai, abraçal-o banhada em lagrimas, querendo mesmo descer com elle ao túmulo, para ao menos ahí minorar a sua dôr com a muidez, com o silencio do sepulchro! Para não mais chorar aquelle que expirou entre pesados ferros, em negra masmorra só por pensar livremente!...

Senhores, não devemos nós abençoarmos o momento do nossa existencia,

tendo elle sido dado em um tempo em que temos a livre manifestação do poder mago do pensamento? Em um tempo em que as disposições dos homens em vez de levarem ao cadafalso cobertos de ferros, em vez de perseguirem aquelles que apresentam uma idéa nova, como João Huss; em vez de condemnarem aquelles que apresentam uma *Reforma*, como o havia sido pelo congresso de Wormes o fundador do protestantismo o Dr. Martinho Luthero, defendem a causa dos mesmos? Em um tempo em que as disposições dos homens em vez de grilhões pesados dão corôas de gloria, em vez de negras masmorras, palacios doirados, em vez de martyrios crueis prazeres e honras? Não devemos nós por conseguinte festejar o anniversario de um templo, irmão d'aquelles que em outras éras fôrão os motores indirectos d'essas felizes disposições dos homens? Por certo que sim, senhores, nem devemos vacillar sobre a resposta: devemos unanimemente harmonisar o côro de alegria com as sublimes notas litterarias. Qual os anjos em seu côro celestial quando decantão as glorias do Creador com harpas angelicas. E tanto é assim, senhores, que si vós olhardes para o semblante do illustrado auditorio que nos cerca vereis a imagem da alegria desenhada com traços patentes e côres mui vivas.

E nem podia deixar de assim succeder; porque é santa e sublime a causa que nos conduz hoje ao seu coche doirado, para rendermos culto ao verdadeiro guia dos homens — as Sciencias —: ao ser mago, que estendendo-nos a mão, conduz até ás regiões espinhosas do mundo methaphysico, até ao throno sagrado do Omnipotente, onde reconhecemos os principios de existencia e de harmonia que regem o mundo e o universo: até ás portas doiradas do Porvir, d'onde patentea-nos seus arcanos.

Sim, senhores, o povo christão quando ía em romaria ao Santo Sepulchro, talvez não fosse com tão grande respeito ao túmulo de Jesus, como é grande a alegria que hoje reina em nossos Brasileiros peitos ao vir a este recinto!

Nem Carthago ufanar-se-hia tanto se dêsse leis a Roma, como hoje se ufana a *Culto á Sciencia* de ornar a fronte com as grinaldas, com os festões de alegria que nascem do amor entusiasta que cordialmente dedicamos ás sciencias.

Senhores, são as sciencias o mago condão que distingue as gerações das gerações, as nações das nações, e os homens dos homens!

Correi ao túmulo do passado, sacudi o seu sêllo, levantai a negra lousa que o cobre, que lá vereis em letras de sangue a prova da minha asserção! Lá vereis a velha Europa cobrir-se de cãs no excelso throno que rege o mundo! Vêl-a-heis sobranceira calcar, esmagar sob os pés o berço do genero humano, e zombar de sua ignorancia! Lá vereis as orgulhosas aguas do Choaspe, o magnifico palacio do Suza, curvarem-se submissos ás diminutas aguas do Eurotas, ás míseras choupanas de Sparta!

Lá vereis esses grandes imperios das regiões orientaes, que assombrarão o mundo com sua grandeza, correrem a occultar a vergonha de sua impericia, de sua ignorancia nas aguas perigosas do mar Hyrcano, nas densas florestas da fria Siberia, nos grandes areas do deserto de Kobi! A' medida que o écho do predomínio, da victoria do Europeo sobre o Asiatico retumbando vai-se harmonisar com o crepitar de Ciene; com o sybillar dos ventos que agoutão os cumes do Hymalaya, do El-Ared, do Libano, e Tauro!

Lá vereis os frios monumentos, os colossos cahidos, as ruinas namerosas de Babylonia, Siam, Palmyra, Troya, Persopolis e Carthago, contarem com sua mudez, com sua ruina o predomínio, a distincção, a victoria da grande família Europea sobre a grande família Asiatica! Ruina causada pelo orgulho dos homens, o qual não é senão um filho, uma manifestação da ignorancia dos mesmos homens (segundo diz Volney em sua descripção de Palmyra)! Não obstante a ruina de Persopolis ser feita por um monarcha Europeo — Alexandre o Grande. —

Lá vereis essas regiões orientaes por

onde serpejam o Euphrates, as aguas sagradas do Ganges, e onde existem os areas de saphyra por onde corre o Jordão; e as ardentes plagas onde o Niger, e fertilizando corre o Nilo (cuja origem ignoramos) onde existem oasis que dão vida e coragem ás caravanas que atravessão seus desertos, curvarem-se ás industriosas aguas do Tamiza, ás ovantes aguas do Sena, e ás sabias aguas que banhão a patria de Kant! Emfim, os theatros de antiquissimos feitos, submettendo-se pela sua ignorancia ao jugo da sabia Europa!

Descendo agora á prova da minha segunda asserção: vêde, senhores, a distincção das nações cultas com as nações barbaras! Vêde como tremúla o glorioso, o sabio pavilhão dos orgulhosos Sicambros! Vêde como surge ahí d'entre os mares a princeza altiva das armadas, Patria das leis, couto da foragida liberdade (na phraze do Sr. Visconde d'Almeida Garrett)!

Olhai para a Allemanha, para Hollanda e Belgica, para os Estados-Unidos do Norte da America, vêde a importancia, a distincção do papel que representam ellas na grande scena do mundo!

Ao passo que jazem prostradas no chão, cobertas com o negro manto do esquecimento, enxafurdadas na ignorancia a Abyssinia, Sahara, Congo, Moçambique, Nubia e Gondar!

Quanto á terceira nem devo apresentar-vos pela sua evidencia; porque vós bem vêdes a differença, o espaço immenso que separa o ignorante do sabio, a intelligencia culta da inculta.

E, senhores, podereis por ventura enxergar n'estes factos outra causa que não a que venho de expôr? Seria outra a da destruição dos imperios? Forçosamente succederia a Europa á Asia? Seria por méro acaso? Presidiria ao nascimento do genero humano um horoscopo fatal?

Senhores, a justiça de Deos não podia fazer pesar sobre o berço do genero humano o jugo do vencedor. Foi na ignorancia d'esta que aquella levantou o seu throno. Foi a ignorancia d'esta que preparou a sua quêda. E eis porque notámos a distincção entre as ge-

rações, entre as nações, e entre os homens.

Por tanto, senhores, é com supina alegria que hoje veio a Culto á Sciencia ornada e abrilhantada, com a presença de vós todos, festejar o celebre dia 11 de Agosto; porque foi elle que nos deu o magestoso Templo das Sciencias, é n'este que bebemos o saber, e é o saber que um dia tem de despertar o leão que dorme — o gigante Brasil —: que um dia acordado do seu somno da infancia, levantando-se o gigante com um pé sobre o Amazonas e outro sobre o Prata, possa esmagar, calcar sob os pés o tyranno que zombar de seu sceptro!

S. Paulo 11 de Agosto de 1858.

DISCURSO QUE PROFERIO O ORADOR DA —
CULTO A' SCIENCIA, O SENHOR MANOEL PE-
REIRA DE SOUSA AROUCA, NA SESSÃO MA-
GNA DA—YPIRANGA DOS PROGRESSISTAS,
AOS 16 DE JULHO DE 1858.

SENHORES.

Assim como as grandes tempestades, revolvendo as aguas de um lago, muitas vezes levão á tona d'elle o limo que se acha no fundo: assim tambem, diz o Sr. Luiz Blanc, nas grandes commoções politicas muitas vezes sobem á eminencia do poder as fezes da sociedade: e é ainda assim que hoje venho, revestido d'esta alta missão, representar a — Culto á Sciencia.

Não vos admireis pois, se por ventura o humilde orador, que fraquejando e trémulo vos occupa, succumbir ao péso de tão grande mandato.

Senhores, a vontade, diz um escriptor, é a maior das potencias.

—A intelligencia humana, sem dúvida, a mais admiravel das obras do Creador, sem ella seria como a rocha diamantina desconhecida no meio das selvas; ou como um gigante coberto de ferros; ou como um Nelson sem sua não; ou como um Napoleão sem seus soldados.

E por conseguinte a liberdade, um

dos bens mais preciosos ao homem, seria para este um phantasma, ou antes uma chiméra. Pois que valeria esta sem a possibilidade de se pôr em acção, isto é, sem a vontade?

Quereis vêr o seu poder?

Olhai para o mundo — a imagem mais expressiva de sua immensa grandeza. Olhai um pouco para a noite dos tempos, vêde como a humanidade inteira caminha presa pelo iman de seu divino condão, por entre o nevoeiro d'essa grande noite de sessenta seculos!

Vêde-a, desde os primeiros instantes de sua existencia até hoje, prendendo o pequeno e o grande, o plebeu e o nobre, o pobre e o rico, vassallo e o soberano, a familia e o povo, e a nação!

—Vêde lá no paraizo Adão ao lado de sua Eva — a filha primogenita do céu, como diz Milton. Vêde esse homem feliz passeando por entre os copados arvoredos d'esse Eden; a natureza inteira querendo adivinhar as suas necessidades; o tigre e a panthéra como seus mansos cordeiros; e ella arrastando-o para comer o fructo que envolvia o veneno que corrompeu a humanidade!

—Vede esses milhões de homens confundidos em Babel! Marathonia, Thermopilas, a Grecia toda gemendo com a grandeza d'esse exercito, cujas flexas sombreou a Europa! Roma como um volcão cobrindo com suas lavas o orbe conhecido!

Senhores, vós não vêdes n'isso tudo a vontade de Deos e do homem?

—Ide de Roma ás hordas barbaras do norte. Contemplai n'ellas os *Kchans* — Balamir, Attila, Bleda, e Alarico. Ide d'ahi aos castellos feudaes da média idade; de lá aos tempos modernos; e d'estes ao moderuissimo, que vêl-a-heis sempre fazendo sentir o seu immenso poder. Vêde-a no dia 11 de Agosto de 1856 creando a vossa companheira — a Culto á Sciencia; —vêde-a no dia 26 de Julho de 1858 vos convocando; vêde-a emfim ainda hoje vos trazendo a este sagrado recinto!

Senhores, permittí que eu occupe a vossa attenção por um pouco, com aquella associação. No meio do dever que me

arrasta à me occupar tão sómente com-vosco, não posso furtar-me ao desejo de dirigir-me a ella.

— A sua origem foi, como a de quasi tudo, baixa na verdade, porém lá n'essa baixa já ella deixava vêr o germen da grandeza que lhe futuramos. Tambem o magestoso gequitibá, em quanto tenro, parece querer occultar-se no meio da floresta, e com o correr dos tempos elle levanta altivo a sua verde coma por entre os grossos jatahys, e como um soberbo tecto, cobre os demais colossos vegetaes!

A sua historia tendo sido brilhante e gloriosa no decurso de dous annos, no actual viu-se manchada por uma pagina negra!

A par de seu throno de glorias, onde o brillantismo de suas galas era mais lindo ainda que á tardinha os raios do sol sobre o seu leito de nuvens; ou de manhã na amplidão do oceano, quando elle se levanta de seu mar de oiro, cahio negro o cadaver da discordia! A sua exalação, como um sulphurico liquido sobre o ouro, deixou denegridas as suas laminas refulgentes!

Porém esta pagina, senhores, não deve causar-vos admiração; porque ella é a expressão de uma lei constante!

Ainda hontem a França, orgulhosa de civilisação e gloria, vio o seu actual monarcha banhando-se no sangue de dous grandes homens!

Na historia de Inglaterra a pagina á Napoleão o grande sempre negra ha de percorrer os seculos!

Essa pagina não é mais do que uma cortina que a mão do tempo cerrou sobre seus feitos, para fazer o seu brilho mostrar-se muito maior no porvir! Ou não é mais do que um sombreado para o quadro de sua vida!

Durante o seu caminhar constante pela espinhosa senda que ha encetado, mil barreiras, mil obstaculos a tem cercado; mas debalde! E se o fogo do egoismo a tem crestado, é apenas passageiramente! Tambem do grande Amazonas as aguas diminuem quando os ardentes raios do sol do equador por aturado tempo n'ellas adormecem!

O cristallino arroio que na estação secca deixa murchar o seu verde matiz de mimosas relvas, é para na chuvosa reverdecêl o e com mais garbo o seu leito adereçar!

Porém, senhores, como já vos disse, foi a vontade que vos trouxe aqui. Foi ella symbolizando a expressão do reconhecimento da necessidade de unir as vossas forças que vos convocou!

Foi ella emfim, que, para memorar o maior dia de uma nacionalidade, o dia em que a voz da independencia poderosa e orgulhosa se desprende de seus labios denegridos pelos ferros do captivo, baptizou a vossa illustre assembléa, com o nome que de entusiasmo nos enche — Ypiranga — e pois, ó Ypiranga, a Culto á Sciencia vos saúda! Tres vezes vos saúda, ó Ypiranga!

Senhores, vós, como abalisados palinuros d'essa grande não que sulca o perigoso oceano das lettras, já deveis prevêr as furias de seus medonhos pampeiros!

Vós tendes de lutar com mil cachopos, mas não desanimeis! A vida é a luta, diz Cousin. Lutar é viver, diz Gonçalves Dias. E, senhores, quem não luta, quem não encontra diante de sua marcha uns Alpes, não tem glorias, não tem vida, vegeta, é nullidade!

Nasce, cresce e morre como a rasteira gramma na deserta praia, como o branco lúrio no desconhecido valle!

O que valerião, se não fosse a luta, estas palavras de Mario: «vai dizer a Scylla que Mario está sentado nas ruinas de Carthago?»

Quaes serião as glorias de Annibal, se por ventura á sua marcha não antepozessem Alpes; se não existissem Fabios e Scipiões?! E as de Catão, se por ventura não existissem Cesares?!

Senhores, ainda mesmo depois que houverdes ultrapassado esses perigos todos; depois que corôas de verdes louros ornar-vos a frente; depois, emfim, que o resplendor de vossos braços servir de pharol, para vos guiar na noite de vossas lutas, ainda negros abutres, com torvo grasnar, virão com sua baba nojenta manchar-vos, marear o vosso bri-

lho! Porém ainda ahí não deveis desanimar. Proseguí mais impavidos e orgulhosos!

Tambem do sol a luz immensa conseguem offuscar pejudas nuvens; e quando estas desaparecem, o seu brilho inda parece ser maior!

Caminhai, que essa baba não vos ha de tirar o merito! O brilhante envolto no pó não deixa de ser brilhante! Caminhai, que um dia chegareis a um ponto em que esses abutres, nem com um esforço sobrenatural vos poderão tocar! Caminhai, que n'esse dia, como o condor dos Alpes, que passeia altaneiro nas immensidades do espaço, olhareis sobranceiros para todos os perigos de vossa vida, e generosos ainda olhareis com compaixão para o lodaçal immundo em que patinhão esses abutres!

E se quando estiverdes lá no fasto de vossa grandeza, lá no zenith de vossa gloria, a Culto á Sciencia, arrimando-se no bordão do peregrino, camiuhar como um ancião baldo de forças, estendei-lhe a vossa mão; abraçai-a como irmã; arrimai-a como o grosso carvalho ao fino caniço; como o seguro porto ao fragil batel!

Sêde a arvore a cuja sombra descança o peregrino cansado de viajar por arenoso deserto.

Taes são os votos do humilde orador.



DISCURSO QUE PROFERIO O SENHOR MANOEL PEREIRA DE SOUSA AROUCA, POR OCCASIÃO DE TOMAR ASSENTO NA ASSOCIAÇÃO, EM SESSÃO ORDINARIA, AOS 18 DE JUNHO DE 1858.

SENHORES.

Desde os primeiros tempos d'esta associação — Culto á Sciencia — já alguns amigos me havião consultado se queria fazer parte d'ella. Ainda mui recente, outros amigos me havião feito a mesma proposta; mas à todos cordialmente agradei, por este acto de bondade e fineza, allegando

os muitos e variados trabalhos que me occupavão, e que me occupão constantemente.

Porém hoje, senhores, um dever sagrado, um dever expresso pela voz intima da consciencia, um dever de gratidão, me arrasta a esta associação.

Essas razões todas, que nos primeiros tempos de sua existencia me vedavão de fazer parte d'ella, que me vedavão até mesmo de pensar em fazer parte, hoje parecem ter se convertido nos mesmos grilhões pesados que me arrastão ao seu gremio! Parecem ser acobertadas com o manto da gratidão, o mais sagrado dos deveres!

E' pois, senhores, este sentimento o mais nobre dos sentimentos, que hoje me conduz em seu élo divinal, coberto de jubilo, de honra e de satisfação, por vêr a par de mim jovens esperançosos, e de subido merito de intelligencia, que um dia no porvir da Patria, ornada a frente com corôas de louro, hão de ser do Brasil os padrões de gloria! Que um dia com o pensar do genio seus nomes gravaráo no livro immortal do Pantheon da Patria!...

Sim, senhores, é esse sagrado dever de gratidão, nascido da confiança que me depositou um dos vossos dignos e honrados membros, propondo-me para socio d'esta associação de fins tão altos e nobres, sem me haver consultado antes, que hoje me impõem os direitos que me garantem o honroso lugar que occupo.

E', sim, esse sagrado dever que hoje me conduz à esta missão tão alta; que me conduz não com o sêllo do saber ou do genio, mas com o cunho da ignorancia e da impericia, para vir a par de vós ser um humilde campeão nas investigações das sciencias.

Não serei como vós, um dos planetas d'esta associação, d'este systema planetario scientifico, cujo centro, ou cujo sol é a verdade, espargindo em todos a luz e o colorido; nem um astro primario no universo brilhante das sciencias: mas serei um astro secundario de luz menos viva, e de menor grandeza, ou antes um satellite insignificante, recebendo por meio de vós a luz emprestada do astro central.

Senhores: não podeis deixar de lêr na pallidez de meu rosto, no som trémulo de minha voz, o cunho da inexperiencia de fallar em illustradas reuniões publicas ou particulares. Não podeis deixar de reconhecer na pallidez do meu semblante, no tremular de meu todo (como que possuido de horror) a imagem expressiva de um espirito juvenil e fraco; mas em cujas veias circúla um sangue que lateja pelo amor das sciencias, pela ambição e entusiasmo do saber!...

Não podeis deixar de reconhecer que a minha posição nas sciencias não é a mesma que a do soldado veterano nas campanhas, que, por tudo conhecer, e à tudo estar affeito, tem o corpo empedernido pelos rigores do inverno nos campos, rijo como os pincares de altos penedos açoutados por medonhos furacões; alfim nada o estremece, nada o abala; que tem a alma gelada pelo horror de tanto sangue, de tantas victimas, de tantos quadros deshumanos; que tem a alma impassivel por tantos males que ha soffrido, por tantos paineis negros que a guerra ostenta; que tem emfim a alma impassivel como o magestoso gequitibá no meio das florestas brasileiras aos tufões procellosos, que de vez em quando açoutão seus annosos troncos e tenros arbustos. Ao soldado

veterano nada é novo, nada o admira, tudo conhece pela experiencia de longas campanhas.

Mas, senhores, o mesmo acontecerá ao soldado recruta que pela primeira vez empunha o bronzeo arcabuz, e ouve o écho surdo da guerra?! Não, senhores! O seu passo é incerto e vacillante, e se estremece ao rouco som do bacamar-te! O estampido dos canhões o ensurdece, e elle fica pallido, trémulo e medroso!... E porque?! Por falta de experiencia, por falta de saber, por não estar habituado a vêr esses quadros que lhe são novos, esses quadros que lhe parece á primeira vista não poderem-se conformar com as suas forças.

E' esta posição do recruta justamente a minha. Estremeço diante de algumas difficuldades problematicas; vacillo diante de algumas barreiras scientificas; sinto-me desanimado quando nos pequenos ensaios de minha carreira litteraria sou victima d'essa próle mesquinha e infame de zoilos. E quando a noite com seu manto negro cobre a terra, e eu na humilde choupana me acho a sós em meu scismar, pasmo, maravilho-me, e contemplo das sciencias o horisonte sem limites, sua vastidão como um abysmo insondavel! Ahi, como o cégo, lamento a minha condição — sem um guia, sem um pharol, sem uma bússola que me descubra a senda por onde deva passar!...

Porém hoje diviso no horisonte que me cerca uma aurora mais risonha, o céu me parece mais puro e cristallino, e me parece mesmo soletrar no scintilar de sua luz a emoção do prazer, a supina alegria que não sei expressar, que balbucio apenas; porque hoje vos dignastes estender-me vossa mão benigna

e generosa, contando-me no numero dos nobres membros d'esta associação; para me guiardes n'esse abysmo, n'esse baratro insondavel das sciencias. E por conseguinte do fundo d'alma nasce a voz íntima e reconhecida que vos agradece tanta benevolencia. Do fundo d'alma nasce a voz sincera que humilde vem agradecer-vos o favor que venho de receber.

E agora que sou vosso companheiro na romaria a que vos propozestes, percorrerei pousado ao abrigo de vossa sombra, quanto me dérem as forças, as vastas regiões das sciencias, posto que sejam poucas ou nenhuma as esperanças de tocar a sua méta, e quiçá as de acompanhar-vos ao menos até ao meio da romagem.

Mas se nem isto poder conseguir, em virtude dos pequenos recursos de minha intelligencia, um consolo me resta, que é vêr-vos tocar a méta desejada; porque então a minha e vossa Patria gigante, será Patria das sciencias, Patria das letras.

Porém se fôra outro o meu horoscopo, ou se se mudasse a minha estrella, ou se me fosse alfim permitido acompanhar-vos, então juntos veriamos as grandes difficuldades scientificas, que são, aos nossos olhos, escabrosos rochedos, procellosos mares, asperos campos, espinhosos, cavernosos e nebulosos montes, turvos e impetuosos rios, se transformarem em apraziveis praias; mansos mares serenos e bonancosos, em risonhos prados, em descarnados e calvos montes, em floridos vergeis e sitios amenos, em crystallinas e perennes fontes, que murmurando deixão vêr em seu leito as brancas pedrinhas per onde serpejão. Juntos veriamos o imperio das sciencias submisso curvar-se ao nosso poder, para d'elle

arrancarmos o unico bem duravel e mais precioso — o saber — qual o imperio das aguas ao tridente de Neptuno, para d'elle arrancar a Ino (que a metamorphoseou em nympha).

— Aqui veriamos uns heróes das letras levantando a lousa do túmulo do passado, contemplando as passadas éras, folheando o grande livro do mundo, o espelho da humanidade (na phrase do Sr. Cousin).

Ahi veriamos o Kiang, o Indo, o Ganges, o Tigre, o Euphrates, o Nilo, o Volga, o Danubio, o Mansanar e o Rheno engrossarem as suas aguas com os rios de sangue que derramarão as passadas gerações nas disputas do imperio do mundo!

Umás gerações succedendo a outras por meio da guerra, do extermínio, de renhidas lutas! Emfim a civilisação querendo seu titulo comprado com o sangue do genero humano; comprado com o gemido de tantas victimas, com o suspirar da virgem que perde seu amante nos combates, com o chôro e lamentações de viuvras e orphãs!

Ahi veriamos o conquistador Meda querendo pôr debaixo do jugo de seu sceptro a Asia e a Africa; querendo por assim dizer fazer gemer debaixo do jugo Persa os proprios leões dos desertos africanos!...

O conquistador Macedonico, na frente de seus bravos, reunindo os destroços do imperio brilhante dos Medas, e formando o seu — o imperio de Alexandre: — Roma, patria do heroismo, da jurisprudencia, e das artes, erguendo-se pela espada de seus filhos, e pousando sobre os destroços d'esses imperios, e fazendo gemer o orbe conhecido debaixo do pêsso da corôa de Augusto (como diz um historiador).

E das selvas e brenhas do Norte

sahirem esses enxames de barbaros, os Godos, Ostrogodos, e Vesigodos, etc., fazendo gemer tambem o povo rei debaixo de suas innumeradas setas, as quaes erão (como diz um outro historiador) aves de arribação que vinhão pousar sobre a grande arvore Romana.

E depois veriamos começar a desaparecer a idéa de unidade (não obstante um genio dos tempos modernissimos querer sacudir o sêllo da tumba das idéas dos povos primitivos), e substituirem novas idéas; e por consequencia novos elementos de guerra, novas lutas, novas transformações no organismo social; e consequentemente novos paineis negros, novos exterminios, novos quadros lamentosos!

—Ali veriamos outros estudando o presente, a natureza physica, as leis que regem os corpos, e voando por meio do calculo até ás regiões longinquas dos astros, admirando a magnificencia do universo, a sua harmonia (provas evidentes da sabedoria e omnipotencia do monarcha immortal)!

—Acolá veriamos outros mais ousados, não contentando-se em admirar, em contemplar o passado, e estudar o presente: mais ambiciosos ainda, bebendo forças em a nebulosa noite do passado, e corroborando-as no presente, para irem adiante: querem descortinar o futuro, patentear o sanctuario de Deos, penetrar em seus arcanos, e soletrar o porvir! Ahi veriamos a contingencia humana fazer sentir aos homens o limite do seu imperio intellectual. Então veriamos apparecer as blasphemias, as descrenças, as dúvidas; as desharmônicas emfim, entre as idéas dos homens, e baqueados fascinarem-se e quererem derribar por terra o poder de Deos, e negar a sua propria exis-

tencia! (Miseros mortaes, que desconhecem os limites de sua contingencia!) Então tudo veriamos com olhos de aguia. E temendo já ter assás cansado a vossa paciencia, não mais prosigo, dizendo-vos apenas, que tudo poderemos conseguir com trabalho, constancia e reflexão. — *Labor vincit omnia.*

S. Paulo, 18 de Junho de 1858.

OS DOUS AMIGOS.

I

Os dous amigos são estudantes de anno superior da Faculdade de S. Paulo. São companheiros de casa, e morão n'um dos bellos arrebalde d'esta cidade.

A época em que se passou o que vamos descrever é o anno de 1858. A casa de sua habitação é modesta, mas aceada, e respira, pela sua situação; ora uma poesia melancolica e triste; ora alegre e jocosa. As frondosas figueiras e caneleiras, as copadas jaboticabeiras, as velhas e altas abacateiras, casuarinas, chorões, cyprestes, e um lago azulado etc., que a cercam, offercem aos olhos do poeta um quadro sublime da natureza. No verão as suas verdes e viçosas gallas, o matutino trinar mavioso dos menores cantores volateis, o terno sabiá modulando endeixas, os cantos gutturaes das aves aquaticas, os peixinhos no lago saltando na flor d'agua ao pôr do sol, o quadro encantador de suas flôres de mil côres, inspirão aquelles cantos sublimes onde a imaginação remontando vai-se perder na embriaguez de inexplicavel prazer. No inverno a brumosa atmosphera, o sussurrar das casuarinas, a nudez das tenras e annosas arvores, os leves murmurios das agoas d'esse lago, os pios do tié, os estridulos da coruja, a ausencia dos volateis cantores, e em algumas noites, a lua merencoria, saudando a tudo isto, fazem o poeta exclamar: «Quem ha que não sinta aqui

a alma commovida por uma tristeza e melancolia profunda?! Quem ha que não sinta aqui magico nume estremecer-lhe as fibras todas do coração?! Quem, diante d'este quadro tão tocante da natureza?! Finalmente, a descripção que acabamos de fazer fica muito áquem dos encantos que realmente encontramos em sua pittoresca situação.

—Quasi absolutamente fallando, a classe academica só palestra sobre assumptos, que estão mais ou menos em íntima relação com os sentimentos proprios de sua idade; e sobre aquelles que lhe dizem respeito, como um corpo distincto na sociedade. Assim os bailes, theatros, cavallinhos, namoros, associações litterarias, escriptos em proza ou verso, aulas, vaías, lições, sabbatinas, formaturas, capellos, etc., exaltados ou abatidos, elogiados ou censurados, estão sempre na ordem do dia; d'este ou d'aquelle modo, com esta ou aquella restricção.

N'estas palestras, como é natural, preside a alegria e o debique. E não obstante serem os seus assumptos proprios dos seus autores, comtudo ainda são tratados superficialmente, e por conseguinte de um modo folgazão. São encarados em si e por si, sem raciocinio algum aturado e indagador. Emfim, para esta classe é tudo pagode, até as suas proprias magoas e dôres. E temos-nos explicado satisfactoriamente. Para ella pouco importa que um rio corra para cima ou para baixo; que careção ou não os viveres; que gema o desgraçado; que esmole o mendigo; que existão ou não virtudes (fallamos das de uma certa ordem); que seja ou não penoso o trabalho; que seja ou não necessaria a economia; util ou não a prudencia; que se trate de sanar ou minorar os graves males que grassão na sociedade; que se trate de inventar um meio de poupar os nossos braços trabalhadores; que se reformem os máos costumes; que o seu futuro seja negro ou risonho (pois nem n'isto pensam!); emfim que o globo dê uma cambalhota e vá se perder nos baratros da immensidade. Nada d'isto os interessa, a menos que não se preste a um debique ou pagode. Sem

nos contradizer, não lhe faltando a mezada, tudo está a seu bel prazer.

Feliz classe!

Aos dous amigos porém, não obstante pertencerem a ella, não succede assim. São dous moços, que em quasi tudo se distinguem dos d'esta classe, que, como uma altiva palmeira no meio da floresta sobresahe ás de mais na sociedade. Não parecem dous estudantes. Poder-se-ia antes chamal-os dous homens maduros na experiencia e reflexão, e d'aquelles que se encontrão bem poucos.

II

E' meia noite. Elles se achão nos seus modestos leitos, que estão em uma alcova, a qual vai dar para uma sala, onde estão um relógio de parede, mesa de estudo, espelho, estante, etc. Um deixando cahir a fronte pensativa sobre seu braço direito, e outro de costas, tendo a seu lado esquerdo uma luz.

Escutemos.

— Frederico, já estás com somno?

— Ora, Pedro, que somno póde ter quem vive como eu....

— Estás com alguma dôr? Não te pergunto isto por te vêr pensativo e triste, pois sempre te vejo assim; mas porque além da tua tristeza, estou-te notando uns movimentos como que involuntarios. Parece estar te incommodando alguma cousa de grande monta. Dize o que sentes.

— Pedro, nos movimentos que tu me notaste, horrivel seismar me dardejava de seu zenith! Eu era n'esse momento o mais desgraçado de todos os homens! Acredita. Desejei ser n'elle o proletario mais miseravel, d'esses que mendigão pelas ruas de Londres, expostos, noite e dia, aos rigores dos tempos carrancudos que açoutão esta opulenta cidade: ou, antes, desejei ser n'elle o mais vil insecto da terra, para não dizer-te que n'esse momento desejei a morte, e blasfemei contra Deos! Mas felizmente, como a rajada enfurecida, elle lá vai-se sumindo, impellido pela reacção, que não sei porque vem-me agora serenando as

ondas de amargura que inda ha pouco se encapellavão dentro em meu peito.

— Tens uma imaginação de fogo. Pois do contrario não sei como se explique, umas convulsões tão grandes em teu physico, causadas pelo espirito; porque igualmente não sei que dôres moraes possam haver tão fortes para ti que ainda és tão moço. Tanto mais me convenço do que digo, quando me lembro que ha tanto que me dou contigo, e não me recorde de me teres referido um só factó pelo qual se explique um effeito d'esta ordem.

— Ah! meu amigo, é o que te parece. Não haverá um factó; mas talvez um cento d'elles.

— Pois bem: mas estes, como eu já disse, por maiores que sejam, não pôdem produzir um tal effeito n'um moço de tua idade.

— E' porque não te lembras agora, que os seres fracos por natureza, o são desde pequenos; e quanto mais tenros, *à fortiori*, tanto mais fracos. E eis porque te admiras de eu n'esta idade soffrer tanto moralmente.

— E's então muito sensível, Frederico. Talvez tanto ou mais que uma senhora das mais sensíveis.

— E te admiras d'isso? Não sabes que na propria natureza vegetal se encontrão phenomenos d'esta ordem? Conheces tu a sensitiva? Eis-ahi. Ella com o mais leve toque murcha-se toda; ao passo que outras plantas que parecem e devem ser muito mais debeis resistem incomparavelmente muito mais. Sei que os homens são mais fortes que as mulheres, principalmente no assumpto de que nos occupamos; mas eu sou uma excepção, o que confirma a regra.

— Porém....

— Te comprehendo: nada d'isto ignoras: as tuas palavras são de amigo.

— Pois então que tantos factos são esses?

— Pedro, é longa a sua narração; demais isto já é tarde, e talvez já queiras dormir.

— Não....

— Queres então que eu a faça. Pois bem, te farei a vontade, afirmando-te

antes de tudo, que eu sou o mais infeliz dos homens. E o mais infeliz, porque Deos assim o quiz. Foi Deos; porque foi elle quem creou e regulou o mundo: foi elle quem me deu esta alma cujas qualidades conheces bem: e é o mundo e esta alma que causão a minha desgraça.

— Frederico, fazes mal de dizer que Deos, Ser summamente bom, justo e unico perfeito, segundo os philosophos deistas: Deos, aquelle mesmo que sacrificou seu Filho em Jerusalém, para salvação dos homens; cuja salvação, correndo como uma fonte, do Calvario consola e vivifica os corações de quasi todo, senão de todo, o orbe civilisado, seja a causa da tua desgraça. Pois é possível conciliarem-se os seus attributos, a vinda de seu Filho á terra com o que dizes?

— Aqui estremecem, e párao os philosophos todos: aqui Damiron, Jouffroy, e Cousin! Cousin, o maior vulto que, como um pharol magestoso, se ostenta nos mares do raciocinio!... Aqui conhece o homem mais confuzo que em outro qualquer lugar os limites de sua contingencia! Aqui, meu amigo, o que te direi?... Que Deos é injusto, que é máo, que não é perfeito, que não existe?!... Oh! isso não! E' blasphemar!...

— E dizes no entretanto que é Deos a causa da tua desgraça?

— Sim, te repito. E' Deos: e nem mais uma palavra!...

Conservárão-se ambos por algum tempo calados; e depois disse Frederico em tom receioso:

— Pedro, não convém continuarmos: basta por hoje: com vagar te farei a vontade. Até amanhã.

— Socega o teu espirito, senão não dormes.

Um d'elles apagou a luz, e ambos voltárão-se para o canto.

(Continúa.)

S. Paulo.—1859.

Manoel Pereira de Sousa Arouca.

DIREITO.

QUAL A MELHOR FÓRMA DE GOVERNO?

Offerecemos este artigo ao nosso collega o Sr. M. S. B.

A resolução d'esta these depende de sua applicação: e conforme a indole e gráo de civilisação da nação, ou estado a que quizessemos applical-a, responderiamos: aqui esta: alli aquella: acolá aquella outra. E nos convencemos de que levariamos comnosco probabilidades sobre o acerto de nossa resposta. (Mas nem por isso se conclúa d'aqui que sômos senhores da questão; antes pelo contrario pouco conhecemos d'ella, e tanto que vamos tratá-la mui superficialmente.)

— Assim si nós a applicassemos a uma nação barbara, onde o raio da civilisação, nem como um lúcido e veloz metheoro, jámais fulgurou em o negrume do seu horizonte, responderiamos: — N'este caso nenhuma outra fórma de governo convém melhor, para o conseguimento de seus fins, do que a monarchica absoluta; muito principalmente si fôr grande o numero de seus subditos. *

Si porém a applicassemos a uma outra que estivesse em circumstancias contrarias, responderiamos: — Segundo as nossas idéas, opinamos sempre pela monarchia constitucional hereditaria, dizendo que n'esto caso só ella convém.

— E como o nosso fim n'este artigo é vermos qual das fórmulas de governo convém melhor ao nosso paiz, trataremos d'esta; porque o nosso paiz está nas circumstancias que acabamos de apresentar. Mas como n'elle algumas pessoas ha que sustentão a republica democratica, trataremos tambem de refutar esta fórma; e só. Assim pois, n'este caso, vamos refutar a fórma republicana democratica, e sustentar a monarchica constitucional hereditaria, como já dissemos, applicando

* Esta opinião temos lembrança que já a vimos; porém onde foi não nos recordamos.

uma e outra á uma nação civilisada. A isto sómente nos limitamos, da longa materia da nossa these.

— E' partiado das differentes hypotheses a que se póde applicar a these: — Qual a melhor fórma de governo? — que Arens diz: «No direito toda a fórma de governo é boa desde que ella leva a nação a seus fins; isto é, á sua conservação e perfectibilidade.» D'onde concluimos: — Segundo o direito, a fórma de governo que melhor convém á humanidade é aquella que melhor a leva a seus fins; porque as nações compõem-se de homens, e o homem é a humanidade, segundo diz Kant.

— Podeis dizer, esta vossa conclusão vos faz cahir em contradicção com a opinião que ha pouco emittistes. — Dissertes que a fórma de governo que melhor convém a uma nação civilisada é a monarchica constitucional hereditaria: mas essa nação se compõe de homens — o homem é a humanidade; logo a fórma de governo que melhor convém á humanidade, é a monarchica constitucional hereditaria.

Porém responderemos que não existe aqui contradicção alguma. Ha pelo contrario harmonia perfeita. Porque, quando Kant diz que o homem é a humanidade, elle se refere á sua natureza: e no caso em que fallais, quereis concluir que, porque os homens de uma nação sejam civilisados, o devão tambem ser os que compõem a humanidade, o que é completamente um erro.

Vamos porém aos argumentos das proposições que encetámos. E para nos entendermos, daremos a definição da fórma de governo que abraçamos, e da que combatemos. Esta é republicana democratica: aquella a monarchica constitucional hereditaria.

— Republica democrata, diz Macarel, é aquella fórma de governo, onde o poder soberano é exercido pelo povo, ou pela mór parte d'elle, de sorte que ha maior numero de cidadãos magistrados, que *simples particulares*. — Monarchia constitucional hereditaria é aquella fórma de governo em que o poder soberano é delegado, circumscripto dentro de limi-

tes determinados, a uma familia, segundo a ordem da successão determinada.

— Estas duas fórmulas de governo nascem de duas outras primitivas que lhe servem de tronco — a Monarchia — e a Republica; as quaes pertencem ao numero das quatro grandes cathogorias em que geralmente se dividem os governos.

— As vantagens da que sustentamos são muito grandes, não só sobre a que combatemos, como sobre as dem is, relativamente á applicação que fizemos. E para nos convenceremos d'isto é bastante analysarmos a definição da que combatemos. — D'ahi já encontramos logo no principio uma grande difficuldade, que é a impossibilidade de sua realisação rigorosa; porque, como diz ainda Macarel, é contra a ordem natural que governe o grande numero, e o pequeno seja governado.

Demais, dando-se mesmo a hypothese que fosse possível a sua realisação rigorosa, ella teria sempre consequencias fataes; porque quem a realisa é sempre o povo, rigorosamente fallando. Ora o que é o povo quando se trata d'estes negocios? Uma massa desenfreada, injusta, perturbadora da ordem e da tranquillidade, escrava da cabala, da venalidade, etc. Ora se isto é exacto, a consequencia é facil de vêr-se. A primeira que apparece é a realisação do que dizia Napoleão: «No tempo das transições surgem as nullidades felizes.» Póde já ir o mais vil da sociedade, o mais inepto para tão alto mandato, como já disse o Sr. Luiz Blanc; e d'aqui as consequencias fatalissimas, e taes que até podem trazer a ruina completa para este estado ou nação. Porém dê-se tambem por hypothese que nada d'isto succeda, e que sómente possam ir ao governo homens habilitados; o que succede? Ainda mais fatalidade; porque é de primeira intuição que n'um estado civilisado (que é a que nós nos referimos) existem não só um, como muitos homens habilitados para o assumir. Ora n'este caso cada qual o aspiraria, e com justos motivos, porque elles tem o direito para isso, e é uma aspiração muito louvavel, pelo menos em o nosso modo

de pensar. Portanto, qual era a consequencia disto? A creação de tantos partidos quantos fossem os seus dignos aspirantes. Todos quererão fazer prevalecer o seu representante, embora se atirando cegamente a todas as especies de perigo.

Consequentemente a luta encarniçada, d'ahi a morte, o desrespeito á propriedade, a sua destruição, o desrespeito a outros direitos sagrados, como a honra da familia, etc.; enfim o horror, a confusão, a ruina moral e physica para esse estado. Isto não se daria só dez ou vinte vezes durante a vida de um estado, que deve ser de seculos; mas sim tantas vezes quantas fossem aquellas que se tratasse d'este negocio. Este tempo varia conforme o estado. Uns a fazem em menos tempo, outros em mais. Nos Estados-Unidos, por exemplo, a eleição para o presidente geral dos estados se fazem de quatro em quatro annos. E tão curto espaço de tempo como este, e outros ainda menores, quantas vezes se póde contar em dous ou mais seculos: na vida regular de uma nação?

A ambição (como o amor de que falla G. Dias) e muito principalmente da politica, cega o homem a tal ponto, que o faz capaz de tudo; de emprehenler o maior dos absurdos, o estado mais difficil de se conseguir.

Ora sendo assim em qualquer tempo um homem d'este estado póde querer galgar o poder, por taes e taes circumstancias: como, por exemplo, a de derribar o seu inimigo — o seu rival — que por uma ou outra circumstancia de uma certa ordem conseguiu derrotal-o na ultima eleição. Elle o póde fazer, porque dispõe de um partido numeroso. Não ha para impedil-o, não obstante a sua cegueira, uma só consideração; porque elle dirá consigo: tanto direito tenho eu para estar no poder, como aquelle que lá está: elle é meu inimigo, é meu rival, eu posso fazer-lhe este mal: por conseguinte vamos a elle mais que depressa. Por conseguinte nova reprodução do que já expozemos: ainda com mais damno, porque as cinzas da eleição passada pódem ainda estar quentes.

Demais, esse que estiver no poder póde pensar d'este modo: — Eu assim como galguei o poder n'esta eleição, posso não o fazer na outra: aqui estou: cuidarei primeiro nos meus interesses: e para isto não devo poupar os meios; porque em primeiro lugar o meu, depois o teu: é preceito de moral: os deveres *erga sé* prejudicão aos deveres *erga alios*. — Não obstante porém ser este preceito de moral mal entendido por elle n'este caso; porque elle n'esse lugar não deve se lembrar que é o Sr. A.; mas sim que é o representante de um estado. Mas, quer este seu pensar seja bem, quer mal entendido, o facto é que elle póde se dar mui facilmente. E já mais de uma vez, a historia nol-o tem apresentado com bem saliente realidade e funestissimas consequencias.

Fica por tanto provado, posto que perfunctoria e ligeiramente, que esta fórma de governo offerece mais desvantagens que vantagens. E sendo assim, estas ficão suffocadas por aquellas; e por conseguinte não devemos admittil-a.

— Mas podeis dizer: Estas difficuldades que apresentastes na fórma de governo republicana democratica, tambem apparecem na monarchia constitucional hereditaria, accrescendo a estas as que offerecem as regencias, e a possibilidade de subir ao throno, segundo a mesma, um idiota, um ignorante, um malvado ou um tyranno. Por conseguinte se é exacto o que acima dissestes combatendo a fórma republicana democratica, com maior força de razão, não deveis admittir a monarchia constitucional hereditaria; porque ella se ressentir além d'essas difficuldades, de mais estas que acabo de apresentar.

Porém eu vos responderia, dizendo: Em primeiro lugar essas primeiras difficuldades não se dão na monarchia constitucional hereditaria do mesmo modo que na republicana democratica: porque n'esta todo o cidadão que esteja no gozo de seus direitos politicos tem o direito ao poder, e n'aquella não; porque a lei fundamental tem determinado aquelles que o pódem; e por conseguinte são menos os que o aspirão; e consequin-

temente menos occasião de se pôr a nação em febre. Em segundo lugar, n'esta póde o chefe de um partido em qualquer occasião com mais facilidade, aspirar ao poder, e n'aquella não. E em terceiro, a mesma nação que adoptou esta familia, ou antes esta dymnastia, para d'elle tirar os sens soberanos, não ha de querer a cada passo pôr-se em tumulto para revogar a sua vontade, conhecendo as graves consequencias de umas eleições d'esta ordem. Em quarto lugar, n'aquella póde o chefe, por ser temporario, cuidar mais em si que na nação; n'esta não; porque elle é vitalicio, não receia a demissão, não tem rivaes, nem inimigos, e por conseguinte só póde cuidar nos interesses de seu estado. E em quinto lugar, a eleição, no caso da extincção da familia imperante, é feita pelos representantes da nação — as camaras — e por conseguinte ausencia da necessidade d'ella se pôr em massa, em tumulto. Em sexto, de uma d'estas eleições a outra pódem decorrer seculos, etc.

— Mas as regencias, e o successor inepto?

As regencias tambem são raras, apparecem lá de quando em quando; além de que, nem a sua escolha, nem as suas consequencias, accrescentadas ás difficuldades da monarchia constitucional hereditaria, ainda não offerecem a metade das da republicana democratica. Omitimos as razões, porque, conhecidas as que já expozemos, ellas se tornão mui claras; e muito principalmente por brevidade.

— E quando o successor é inepto?

Ainda argumentamos do mesmo modo, e tambem não apresentamos os argumentos, ainda pela mesma razão acima expendida: accrescentando apenas, que na republica democratica tambem póde ir ao poder um homem d'esta ordem, como já acima mostrámos. De sorte que se contrabalançando as difficuldades todas da monarchia constitucional hereditaria com as da republica democratica, achamos que as d'esta são muito maiores que as d'aquella.

Finalmente, nenhuma das fórmas de

governo é boa, absolutamente fallando; mas d'estas a melhor, a que dá mais garantias ao cidadão, a que lhe dá mais verdadeira e bem entendida liberdade, é a monarchica constitucional hereditaria.

Por conseguinte, segundo a nossa applicação, é esta a fôrma que melhor convém em direito; e ainda por conseguinte é esta a fôrma que melhor convém ao nosso paiz.

— Seja-nos agora permittido dizer o seguinte: Infeliz do Brasil no dia em que elle vir o seu vasto colosso retalhado em republiquetas. — N'esse dia a palmeira das plagas americanas*, cerrando os seus leques, ha de curvar de tristeza a fronte; porque n'esse dia ella abandona o seu sólo gigante, e vai demandar o da pequenez, da insignificancia o da nullidade. N'e se dia ella abandona o grande, o magestoso, que lhe aguarda o futuro, que agora a acena, para occupar o primeiro lugar no mappa das nações. E infelizmente nos parece já vêrmos o seu primeiro arrebol! Infelizmente elle tem de vir! **

S. Paulo 8 de Novembro de 1859.

Manoel Pereira de Sousa Arouca.

SETE DE SETEMBRO. ***

N'este dia magestoso
Luzente aurora raiou,
E nas entranhas da terra
Nossos ferros enterrou.

Hoje ufano rutilou
O astro da nossa existencia,
Das nações a maga estrella
A estrella da Independencia.

J. B. A. S.

I

Tres sec'los escravos, tres sec'los de dôr
Passarão em ferros, em ferros pesados,
Um jugo soffrendo de injusto senhor,
As tribus que erravão por serras e prados!

* Expressões do Sr. Conselheiro Brotero.

** Desculpai, collega, vos offerecermos um artigo, sobre o qual nenhum estudo fizemos, na occasião, para escrevê-lo; por cuja razão elle resente-se de muitas faltas.

*** Recitada pelo autor no theatro d'esta capital.

Nem mais modulavão nas suas cabanas
Os cantos de amores em livre soidão,
Com seus instrumentos, as lindas indiânas
P'lo peso opprimidas do ferreo grilhão!...

O céo era negro, mais negra era a terra!
O Luso rancor percorria em furor
De sanguinolenta pestifera guerra
As plagas Brasileas, levando terror!...

Deixarão seus leitos os tímidos rios;
Per elles em ondas o sangue corria,
Contando, luc'osas em mil murmurios,
O jugo cruel que o Brasil opprimia!...

Então o Gigante seu somno dormia
Captivo, coberto de negros grilhões!
E d'elle zombava a cruel tyrannia,
Qual zombão da presa os sauhudos leões!...

Porém era longo e demais o dormir! .
De pé levantou-se o gigante, e quebrados
Os ferros jogando começa a bramir!

I> Quer patria, quer leis, tambem quer um porvir!

II

Os filhos da Santa Cruz
Jámais pôdem ser escravos,
A linda estrella que luz,
Não luz não, como nos bravos
Fortes peitos d'esta herdada
Luz a vera liberdade!

Hoje é livre o povo indiâno;
As leis ama da igualdade!
Da lei zomba do tyranno
Aos pés calca-a sem piedade!
Tem patria, leis, e porvir!...
Finda o gigante o bramir!

E da liberdade o brado
Retumbando se harmonisa
Com o furacão irado,
Que percorrendo, deslisa
O Amazonas e o Prata,
Onde o Brasil se retrata!

E vós, illustres varões,
Grandes Andradas, quebrai
Vossas funereas prisões,

E com mais fogo bradai,
Com sonoro peito forte :
«INDEPENDENCIA OU MORTE !...»

S. Paulo.—1858.

M. P. S. Arouca.



À MINHA ESTRELLA.

*Offereço estas endeixas ao meu amigo
o Sr. I. O. M.*

I

Quando em tristes vigílias occupado,
De passadas quadras angustiosas
No peito reviverem sinto as cinzas ;
E da vida feliz murchar a seiva ;
Fugir confuso da razão o imperio ;
E da descrença a voz surgir-me n'alma :
Não és tu, linda Estrella ! o mago nume,
Que offerecer-me vem mais viva seiva,
E da razão o imperio, e crear n'ella
Do que hei descrido mais pura crença ?!

Porque hoje me abandonas
A divagar perdido junto á fonte
De amargas aguas que a vida cerca,
Onde qual sensitiva murcha o goso
Da realidade ao mais leve toque !

II

Tu que sempre fiel meu guia foste,
E por quem do prazer quebrei o élo,
Pelo inferno trocando o paraizo,
Por amigos fiéis vis traidores !
Tu por quem hoje vivo qual luzinha
Lá na deserta praia abandonada
A oscillar solitaria e moribunda !

III

Oh ! minha linda Estrella !
Oh ! vem por compaixão meus mudos labios,
Que cerrou do infortunio a mão de gêlo
Aquecer com os teus ardentes raios !
Vem movimento dar-lhes !
Ou da tua immensa e magica força
Nas brancas azas poisado conduz-me
Aos ignótos sertões das terras nossas !

E onde um bosque de velhos troncos vires ;
Onde dulias canções formem á tarde
Os alados cantores lá me deixa,
N'um d'esses velhos troncos reclinado,
A carpir minhas magoas sempre triste ;
E confundir meus ais com os arrulhos,
Que suspirosa sóta em fino galho
A juruty que sente em vèz do amante,
Em écho de dôr responder a gruta !

IV

Ao menos lá não mais veria, em sonho
Siquer, como serpentes, revolver-se
A celeunaria próle em grandes villas !
Onde com varias fôrmas a miseria
Só é grande, só é tudo ! Virtudes
E sagrados deveres vivem n'ellas,
Como na immensidade do oceano
A macia penninha que ao acaso
Deixou cahir, passando desnorteada
De seu candido bando, uma avesinha !
Onde, como o soberbo campanario
De magestoso templo que occulta
Tão risouho e lindo aos ultimos raios
Do sol poente, que lhe doira a face,
Junto a si mil medonhas catacumbas,
Carcomidos cadaveres horrorosos,
Ella, sempre com riso, em tudo reina !

V

Ao menos lá, qual nómade jalôfo,
Eu viveria sempre longe d'ella ;
E em vez das fôfas galas que esta turba,
De sempre injustos homens dar costumão,
Me iriaria a vida da natura
Mais refulgentes galas !
Mas ah !
.

VI

Quem déra que um amor, embora breve,
Me viesse fazer pulsar o peito !
Quem déra que em meus olhos, pelos prantos*
De grande e nobre dôr humedecidos,
Essa chispa de vida que inda resta
Se apagasse pelo iman dos travessos
De seductôra virgem ! Traidôra
Embora no porvir eila me fosse !

Quem déra !... Mas em vez do que desejo
Mortal melancolia só vejo n'alma ;
Lagrimas d'estas as faces me ararem ;
Me consumir o ser ignóto fogo ;
E cada vez mais os cerrados labios
Estreitar do infortunio a mão de gèlo !
S. Paulo.—1858.

M. P. S. Arouca.

SETE DE SETEMBRO.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente
Política malvada a Grecia vende ;
As bandeiras da Cruz, da Liberdade,
Farpadas inda ondeam.

J. B.

I

Formou-te, Brasil, livre o eterno Senhor !
E bem longos sec'los no rico thesoiro
De preciosas gemmas
De prata e de oiro
De que hoje te ufanas, tu livre vivente !
De um goso innocente
No seio emballado,
Corrias, Gigante, esses sec'los tão longos ;
E as magoas, as dôres, e o viver de escravo
Nem mesmo nos sonhos
Te haviam tocado !
Feliz era o estado que então tu gozaste !
No sólo teu onde orgulhosa natura
De primores tantos
Tão bella fulgura,
Sem medo vagavão teus filhos valentes :
Com arco e com flechas
As selvas corrião
Assim como endúapes de pelles oncinas,
Que aquellas agudas com força jogadas
Dos troncos annosos
Certeiras trazião !
Contentes fazião a lucta os guerreiros
Com fortes tacâpes ao som do horé ;
E as suas victorias
Cantava o pagé
Dos antros no seio com livre harmonia !
Em rudes ygaras
A flôr deslisavão

Dos tímidos rios, com mil caggentares,
E aos pallidos raios das luzes sidéreas
Nas lymphas de prata
Mui livres cantavão !

E livres dançavão nos rudes festins
Com seus arasoyas, com seus kanitares,
Amores trazendo
Nos ternos olhares,
Nos gestos garbosos, as indias innoxias :
P'las fórmas donosas
Os ternos amantes,
Repletos de amor — «Manitos !» — exclamavão :
« Como a vida das selvas outra haverá ?!»
Em gosos constantes
A vida passavão !

II

Desdita ! Um acaso infeliz te tornou !
Nas negras entranhas
De terras estranhas
De opprobrios cobertas, foi onde o futuro
Que tinhas seguro elle cêgo lançou !
Mudou e assim o teu livre viver !
De ferros pesados
Os mares peçados
Bramindo se virão, erão ferros que escravos
Teus filhos só bravos vierão fazer !
As sanhas sangrentas do féro senhor
Teus valles e prados
E bem alastrados
De mortos deixarão !... Os teus horisontes
Os échos dos montes dizião : — terror !
Do vento os sibillos, o trom dos trovões,
Das ondas do mar
Na praia o roncar
Teus ais, teus gemidos de dó repetião,
Em sons que movião de dôr os sertões !
Da frente tirando o formoso cocar
Indiânas se vião
Que tristes fugião
Por invia floresta, echorando o esposo,
Que o jugo horroroso lhe veio arrancar !

Dos lagos á beira então se sentavão :
 Nas agoas dormentes
 Mirando pacientes
 Seu todo gentil, suspiros doídos
 P'ra os lares perdidos, coitadas, mandavão !

E assim por teus filhos tres sec'los corrêrão !
 Tres sec'los passados em soffrer insano !!!
 Oh ! já era muito !... Maldição eterna
 Irada acompanhe tamanho tyranno !

III

Sim : era muito tres sec'los de opprobrio !
 Pelourinhos, masmorras, cada falsos
 Por toda a parte erguidos, ó Gigante,
 Já teu somno turbavão, co' o medonho
 Aterrador soar da orchestra sua !...
 Como do inferno os rufos dos tambores,
 O doído gritar de suas victimas,
 De Cerbero o ladrar enfarecido,
 Em um mesmo momento retumbando,
 Ella nos valles, nas grutas echoava !

E então já com o sol da liberdade
 Tu sonhavas ! E o Eterno que Gigante
 Te formou, para assombro no futuro,
 Qual outra Roma, das nações tu seres ;
 P'ra acordar-te formou tambem um outro,
 Que entre as metralhas encruzadas,
 O fumo dos canhões, montões de mortos,
 Em Jena, Montmirail, e Austrelitz,
 Sem saber caminhava para o leito
 Onde escravo dormias resomnando !

Ahi de ti bem junto passeavão
 Paula Sousa, Feijó, grandes Andradas,
 Então reflexos quiçá amortecidos
 Da Liberdade, que por entre a sombra
 Que fazia do captiveiro a nuvem
 S'ostentavão : como em medonha noite
 Procellosa lá n'amplidão dos mares
 Formosa estrella que de quando em quando
 Surri por entre seu denso negrume !

.....

Aproximou-se pois esse gigante,
 Que das margens do Sena ergueu-se altivo :
 Teu leito de escravo estremecendo,

Todo inteiro, ossos — carne — estremeceu-te !
 Rugindo então e bravo, te acordaste ;
 E o sol da Liberdade de uma auréola
 Brilhante tua fronte assoberbada
 Coroou entre hosannas que te davão
 As aves nos teus bosques jubilosos,
 Ao écho magestoso do Ypiranga :
 «—Independencia ou morte—»
 S. Paulo.—1859. *M. P. S. Arouca.*

O CALOURO.

Eu d'aula contente venho
 Porque lição não tomei,
 E suppondo que não tenho
 Ou (digo) porque não sei
 O que hei de mesmo fazer,
 Na réde vou-me embalar,
 E co' o que hei de me occupar,
 Ah me ponho a pensar,
 Para tempo não perder.

Da bella me lembro logo
 De seus bonitos olhinhos,
 E p'la lembrança me affogo
 N'um scismar aos bocadinhos.
 N'este scismar eu só vejo
 Um lindo futuro abrir-se,
 Doce ventura sorrir-se,
 E minha alma possuir-se
 D'um indisivel desejo.

Mas ah ! quando principio
 No prazer a me aquecer,
 Com desanimo me esfrio,
 Por ainda não saber
 Do dia seguinte a lição....
 Deixo a réde, vou á meza,
 E com bastante moleza
 Do Warkoenig na fereza
 Applico a minha attenção....

Comprehendêl-o... *daonde....*
 Cita na nota o Digesto....
 A lei busco, ella se esconde ;
 Manda vêr mais o indigesto

Codigo de Justiniano !...
 Que diabo de massada !...
 Quem entende a marmelada,
 Que com zêlo está enlatada,
 No tal Direito Romano ?!...
 E ainda por meus peccados
 O tal bicho é em latim !...
 Os tachygraphos *quebrados* !
 Quem pôde estudar assim ?...
 Mas pensando me recordo
 Do Savigny e do Ortolan ;
 Lá vou com todo o afan,
 N'elles durme em busca vã
 E mais louco inda me acordo !
 Ora dá-se uma tal vida !
 Ora espere que eu a curo !...
 Eu hei de fazêl-a qu'rida
 Me alistando no seguro
 Da companhia —*Vadição.* —
 Irei ao hotel do Lima
 Subirei escada acima
 Chegarei lá onde prima
 O pagodista rapagão.
 Me porei em boa *pandega*,
 Embora passe depois
 Das *rapousas* pela alfandega....
 Assim dito tenho pois
 Como me hei de comportar ;
 Bom remedio tenho dado
 Ao meu viver deliniado,
 Pelo tal bicho causado.
 Espero que hei de sarar !...

M. P. S. Arouca.

MOTTE.

A manteiga do Lefebre.

GLOSA.

Que alarido inquieto eu ouço ?!...
 Vejo estomagos lançando,
 Mil narizes fumegando
 Quer do velho, quer do meço ?!...
 O que produz tanta febre,
 O que faz tanto tropel ?!...
 E' um *petisco* de hotel :
 —*A manteiga do Lefebre.*—

Arouca.

QUIZERA.

.....
 Que ne suis je prince ou poeta.

V. H.

Eu poeta ser quizera
 Para Lilia decantar !
 Seus encantos
 Oh! são tantos
 Que eu não posso enumerar !

Corri d'este á aquelle monte
 Reclinei-me junto á fonte
 Que murmura lá sósinha ;
 Escutei-a bem attento
 A rolar entre as pedrinhas....
 Que doçura !...
 Mas tão pura
 Como a voz sua não é !

Fui ao tempe mais florido
 Lyrios, rosas, e camellias
 Bogarius
 E jasmins
 Olhei com todo o sentido !

Foi de balde ! Uma só flor
 Não encontrei, nem na côr,
 Tão formosa e tão bella
 Onde vivão Cupidinhos
 Brincando, como n'aquella
 Expressiva
 E tão viva
 Que na face Lilia tem !

Da noite por entre o véo
 Estrellas mil vi no céu :
 Tinha muita poesia
 Sua luz scintillando,
 Mas não tinha essa magia
 Seductora,
 Matadora
 Como tem os olhos seus.

.....
 Ah! poeta eu ser quizera
 Para Lilia decantar !
 E não tenho
 Tal engenho...
 Que farei no meu penar !

M. P. S. Arouca.

1858.